

Novos ventos sopram pelo Departamento de Filosofia da UFPE. Mudanças importantes, já relatadas no número anterior da *Perspectiva Filosófica*, impactam a Revista, que neste número acolhe múltiplas vozes. Isso marca a abertura de fronteiras necessária ao trabalho filosófico, que só tem a ganhar com a expansão de territórios, metodologias e linguagens. Da arte à lógica, passando pela fenomenologia, a ética e a educação, o volume *Vária* não se constitui a partir de um eixo temático. Proponho, contudo, relações musicais entre os artigos. Consoantes e dissonantes, tonais e atonais.

Para começar, percebo um *ritornello*, isto é, uma estrutura melódica para onde sempre se retorna, sem necessariamente se voltar do mesmo jeito. Os jazzistas usam muito tal estrutura, capturada por Deleuze e Guattari para discutir a noção de território. Desterritorializamos e retornamos, todavia o território não é mais o mesmo. Donde surge a ética dos devires. Com o artigo *A subjetividade a partir da reflexão filosófica de Deleuze e Guattari*, de Patrícia Oliveira Lira e Yasmin Janaína Ferreira Marcos, inaugura-se este número. Mas a curiosidade não atíça a saída? Aqui, quem sai não volta. “A curiosidade conduz a hospitalidade”, diz Hilan Bensusan no ensaio *Arte e hospitalidade. Um protocolo*. A arte é receptiva, hospitaleira. Ela abriga seus próprios desvios, e alberga os artistas que vêm não importa de onde. A arte é essencial para os nômades, os estrangeiros, os necessitados, os arrependidos e ela se intensifica ao tornar-se imperceptível. Terá sido sempre assim? Na pintura, durante longo tempo, modelaram-se as figuras com cor, luz e sombra. Digo exatamente figuras, porque não são da ordem do vestígio, e menos ainda do que não é perceptível. Com efeito, em um artigo por onde transitam imagens, *Arte & percepção: relações entre pintura e teorias da visão entre os séculos XV e XVII*, Guilherme Mautone explora o modo como as escolas Caravaggistas de pintura propuseram uma investigação sobre a visão, urdida a partir dos princípios expostos por Leon Battista Alberti, em *Da Pintura*.

O *ritornello* também precisa traçar um território em torno de um centro frágil. Precisa manter, tanto quanto possível, no exterior as forças do

caos (Deleuze & Guattari, *Mil Platôs* 4). Aqui situo a filosofia da linguagem e da lógica que compõem este número. Marcos Silva, em *Sobre o verificacionismo e restrições ao princípio do terceiro excluído*, analisa com rigor o verificacionismo no Wittgenstein intermediário, segundo o qual “entender o significado de proposições seria entender seu método de verificação”. Silva investiga a relação entre inferencialismo e verificacionismo, a partir do problema da exclusão de cores. Eduarda Calado, em *On collaborative references and the roles of the interlocutor*, enseja mostrar que atos de referir direcionam-se também ao ouvinte. Para tanto, ela critica a teoria da asserção de Stalnaker, defendendo a ideia de colaboração como requisito para a “completude dos atos de referir-se ao asserir conteúdo proposicional”.

Me afastando do *ritornello*, mas permanecendo na teoria musical, penso que não há problema algum a filosofia ser dissonante. Dito de modo quase prosaico, nossos ouvidos, por hábito de vizinhança, antecipam a nota seguinte de uma composição tonal. Ora, Arnold Schönberg quebra com isso, introduzindo a música atonal, no início do século XX. Daquela maneira prosaica, pode-se dizer que a uma nota, segue-se outra totalmente inesperada. Claro que é muito mais complexo do que isso. Sendo como for, tonal ou atonal, música é música. E não se compreende a música quando ela nos faz pensar em outra coisa. Todavia, pode-se compreender outra coisa com uma metafórica musical. Por que faço tal digressão? Para finalizar este número sem *ritornelli*, mas sim de modo atonal, no melhor sentido Schönberguiano.

Assim, em *Emoções são mesmo intencionais? Considerações para uma teoria adverbial das emoções*, Veronica de Souza Campos desafia a tese de que emoções são intencionais, e portanto, possíveis apenas em criaturas dotadas de um componente judicativo-intelectual. Ao final, na conclusão, deixa em aberto uma questão contemporânea relevante: uma teoria adverbial das emoções desvincularia tal componente da experiência emocional. Isso tornaria mais fácil admitir que entre animais humanos e não humanos, as emoções são um ponto de convergência, e não uma diferença fundamental entre eles. José Aparecido Pereira, em seu artigo *A filosofia do senso comum de Thomas Reid*, mostra que as nossas concepções e crenças se assentam em princípios inatos da mente. Deste modo, podem surgir em resposta a signos tais que sensações, processos mentais e processos sensoriais, que ori-

ginam concepções básicas. A seguir, em outro artigo, observamos que a modernidade urdiu uma concepção técnica da linguagem, criticada por Heidegger. Este é o mote do texto de Maurício Fernando Pitta, *Da relação entre linguagem e subjetividade na obra tardia de Martin Heidegger*. Nele, o autor considera que a linguagem é o caminho no qual o “ente dizente” heideggeriano se encontra desde o início. Os dois últimos artigos dedicam-se a temas ligados ao cotidiano. Em *Um olhar benjaminiano sobre a vida que ninguém vê de Eliane Brum (Reflexões sobre o ofício de cronista-narrador)*, Vinícius Canhoto comenta os textos da escritora em escopo a partir da noção de cronista, tal como Benjamin a apresenta. O cronista “não faz distinção entre os grandes e os pequenos eventos”. Ele narra os acontecimentos, mantendo vivas as memórias. Finalmente, Julian Culp se dedica à área de ensino da filosofia, versando sobre educação para a cidadania, em uma perspectiva democrática transnacional. Prolífico bibliograficamente, o artigo intitulado *Educação cidadã, consciência democrática e globalização*, conclui-se com o intuito de “contribuir na realização das condições sociais e culturais necessárias para criar arranjos mais democráticos para além de fronteiras”.

*Coda:* este número se encerra com duas traduções. Trabalho paciente e de grande valia para o meio acadêmico nacional, a tradução deve ser cada vez mais estimulada a figurar em nossos periódicos. Sem me alongar em comentários a elas, apenas menciono seu caráter escurto.

Consigno meus agradecimentos a Hugo Mota e a Henrique Capeleiro, sem os quais este número da revista não sairia do prelo. Encerro este editorial, desejando-lhes uma boa leitura.

Loraine Oliveira

Editora